

O PRIMEIRO CAPÍTULO DO LIVRO DE KALĪLA E DIMNA

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE¹
(USP)

Resumo: Este trabalho consiste, basicamente, na discussão de alguns tópicos do Livro de Kalīla e Dimna, fabulário de origem sânscrita vertido ao árabe por Ibn al Muqaffá no século VIII, bem como na apresentação e tradução de seu primeiro capítulo, atribuído a 'Alī Ibn al-Šāb al-Fārisī e inserido no corpus da obra, segundo os comentaristas, no século X ou XI.

Palavras-chave: Literatura Árabe, Cultura Árabe, Islamismo, Ibn al-Muqaffa'.

A importância do *Livro de Kalila e Dimna*² vai muito além do âmbito da cultura árabe-islâmica. Traduzido para mais de uma vintena de idiomas, é considerado uma das mais importantes fontes do fabulário universal. Para ficar no limite de apenas algumas línguas ocidentais, dele existem uma tradução grega (século X), três latinas (duas no século XII e uma no XIV), quatro espanholas (séculos XIII, XV, XVII e XVIII) e três italianas (todas do século XVI). Essas traduções, e muitas outras mais, foram feitas do árabe de alguma outra tradução do árabe, numa “cadeia de transmissão” por vezes complexa. Como exemplo, cite-se a tradução inglesa de 1570: foi feita a partir de uma tradução italiana de 1552, que, por sua vez, tinha sido feita sobre a tradução hebraica do rabino Joel, em 1270, a qual, enfim, provinha da tradução árabe do século VIII. Não é esse, ao que tudo indica, o caso da primeira tradução espanhola, feita no século XIII, por ordem de Alfonso, o sábio, diretamente do texto árabe. Essa tradução, aliás, teve influência considerável no posterior desenvolvimento da prosa espanhola³, fato que, entre muitos outros, amplia a importância do texto árabe e de seu estudo no âmbito da cultura ibérica.

Reza a tradição que o *Livro de Kalila e Dimna* foi traduzido ao árabe (expressão que se deve tomar *cum grano salis*, uma vez que, na época, era comum utilizar, para textos postos em língua árabe, uma expressão equivalente a “interpretar”) em meados do século VIII d.C. Até o presente momento, não se conhece uma edição

¹ Professor de Língua e Literatura Árabe do Departamento de Línguas Orientais, FFLCH/USP.

² As letras árabes foram aqui transcritas na seguinte ordem: ' b t ṭ j h ḥ d z r z s š s d t z ° ḡ f q k l m n h w y. As vogais longas marcaram-se ā ū ī, e as breves, a u i. O a curto final grafou-se à. O acento circunflexo nas vogais breves indica palavras que, em português, poderiam ser consideradas proparoxítonas ou paroxítonas, como, v.g., *māktabat*, *Bāydaba*, *kūtub*, *'Iskandar* e *Fihrist*.

³ Cf. a biografia citada por Blecuca, J. M. Cacho e Lacarra, María Jesús na introdução à edição de *Kalila e Dimna* por eles preparada (Madrid, Castalia, 1984, pp. 75-77).

crítica dessa tradução –talvez devido ao excessivo número de manuscritos–, e por isso impõe-se fazer *tabula rasa* de algumas condições prévias para um trabalho completo a respeito. Seja como for, a mesma tradição atribui a tradução a um letrado persa chamado Rūzbīh, o qual, ao converter-se ao islamismo, adotou o nome de ‘Abd Allāh Ibn al-Muqaffa’. Segundo alguns relatos históricos, esse personagem, nascido em 724 d.C. na aldeia persa de Jūr, atual Fayrūzabād, fora anteriormente adepto da religião de Zoroastro, o masdeísmo. Seu pai, encarregado de recolher impostos na região, teria surrupiado algum dinheiro pertencente ao governo, motivo pelo qual sofrera torturas que lhe atrofiaram a mão: *al-Muqaffā* significa “aquele que tem a mão atrofiada”; portanto, *Ibn al-Muqaffā*, “filho do que tem a mão atrofiada”. Eis como o episódio é narrado no *Fihrist* (“Catálogo”, obra enciclopédica do século X na qual se registram os antigos livros de ciência e as obras de gregos, persas e hindus vertidas ao árabe) de Ibn al-Nadīm al-Warrāq (“o livreiro”):

“Ele [o pai de Ibn al-Muqaffa’] ficou atrofiado porque [o governador] al-Ḥajjāj Ibn Yūsuf supliciou-o, em Baṣra, em virtude de verbas do governo, verbas essas que ele havia enganchado; foi um suplício atroz que lhe atrofiou as mãos.”⁴

Parece que Ibn al-Muqaffa’ converteu-se ao islamismo por interesse (pois se diz que, à sorrelfa, continuou a praticar o masdeísmo) e serviu às dinastias omíada e abássida, mas acabou sendo assassinado por instigação (ou pelo menos com a anuência) do califa al-Manṣūr em 759 d.C. O carrasco, Sufyān Ibn Yazīd, governador de Baṣra, teria sido bastante cruel em sua execução, conforme relato do século XI: “ordenou que se trouxesse um forno, que foi aceso; depois ordenou que se trouxesse Ibn al-Muqaffa’, cujas partes foram cortadas membro por membro, enquanto ele [Sufyān] as lançava ao forno, e ele [Ibn al-Muqaffa’] olhava, até que se lançou seu corpo todo. Disse Sufyān: não tenho constrangimento algum nisso, pois tu és um *ḡindīq* [ateu ou livre-pensador ou maniqueísta] que corrompeu as pessoas”⁵. Num relato do século X, a frase final é um pouco diferente: “por Deus, ó filho de uma *ḡindīqa* [atéia etc.], eu com certeza te queimarei no fogo deste mundo antes que sejas queimado no fogo do outro mundo.”⁶

Colocada nesses termos, contudo, sua biografia parece antes ilustrar os provérbios e parábolas constantes nos textos a ele atribuídos: no decurso de sua trajetória como letrado da Corte, ele teria alimentado, por causa de sua arrogância

⁴ Al-Nadīm, ‘Abū al-Fāraj Muḥammad Ibn ‘Abī Ya‘qūb ‘Ishāq. *Al-Fihrist*. Texto estabelecido por Riḡā-Tajāddud. Beirute, Dār al-Masīra, 1988, p. 132.

⁵ Relato atribuído ao historiador ‘Alī Ibn Muḥammad al-Madā‘inī (752-839 d.C.) em *Wafayāt al-‘a‘yān wa ‘anbā’ ‘abnā’ al-zamān*, Cairo, Maktabat al-Nahḍa al-Miṣriya, 1948, v. 1, p. 415 [“A morte dos principais e as notícias dos filhos do tempo”, numa tradução que perde toda elegância do original], livro de biografias de ‘Aḥmad Ibn Ḥallikān (995-1064 d.C.). Nesse trabalho, um dos mais importantes conjuntos de relatos biográficos sobre escritores árabes, a biografia de Ibn al-Muqaffa’ surge, incidentalmente, dentro da biografia do famoso místico al-Ḥallāj, executado em 922 d.C.

⁶ Jaḥṣiyārī, ‘Abū ‘Abd Allāh Muḥammad Ibn ‘Abdūs al- (morto em 932 d.C.). *Kitāb al-wuzarā’ wa al-kuttāb* (“Livro dos vizes e dos escribas”). Texto estabelecido por ‘Abd Allāh al-Ṣawī. Cairo, Mātba‘at ‘Abd al-Ḥamid, 1938, p. 73.

(e também de sua atuação política), ressentimentos e ódio tanto no califa como no carrasco. Nesse sentido, pode-se mesmo imaginar que essa biografia é antes uma espécie de “fecho de ouro” da obra a ele atribuída. As fontes, aliás, não são unânimes nem em apontar esse destino nem quanto à origem de seu nome. (Invocando outro testemunho, o já citado Ibn Ḥallikān dá a versão de que a forma correta do nome seria “Ibn al-Muqaffi”, e que tal se deveria ao fato de seu pai ser vendedor de *qifā* [cestos de palma]⁷).

Ainda assim, tal legenda se firmou. Al-Jāhiz (775-868 d.C.), letrado nascido algumas gerações após Ibn al-Muqaffa^c, escreveu o seguinte, num elogio tácito do *in media virtus*: “Lembrando de Ibn al-Muqaffa^c, ‘Abū Bakr al-‘Aṣamm disse: ‘o muito de algo sempre pesa mais do que o pouco; a exceção é o conhecimento, o qual, quanto maior sua quantidade, mais fácil se torna de carregar. Mas dava-se com esse Ibn al-Muqaffa^c, apesar de seus dotes de conhecimento e da exuberância de sua prosa, o mesmo que se menciona no livro de Deus: «é como o caso do asno que carregava livros». Seu conhecimento debilitou-o, sua generosidade desconcertou-o, sua sabedoria cegou-o, sua inteligência aturdiu-o”⁸. Outro letrado de um período posterior, o muito erudito ‘Abū Rihān al-Bīrūnī (983-1048 d.C.), bateu na tecla do masdeísmo: “E os hindus possuem muitas artes [derivadas] de outras ciências, e livros quase inumeráveis, os quais, todavia, não conheço em sua totalidade. Eu apreciaria muito poder traduzir o livro Pantchatantra, conhecido entre nós como Kalīla e Dimna, e que circulou entre o persa e o hindu, e a seguir entre o árabe e o persa, na linguagem de um grupo em cujo trabalho não se pode ter confiança, como é o caso de ‘Abd Allāh Ibn al-Muqaffa^c, que nele acrescentou o capítulo de Barzawayh, objetivando criar dúvidas nas pessoas cuja fé religiosa é débil, e levá-las a propagar a doutrina masdeísta. Sendo ele suspeito no que acrescentou, não deixaria de o ser no que traduziu”⁹.

A Ibn al-Muqaffa^c atribuem-se ainda, além de outras traduções do grego e do persa, textos como *O grande ‘ādab*, *O pequeno ‘ādab* e a *Epístola dos companheiros* (‘ādab, que em árabe moderno também quer dizer literatura, significava “boa conduta”, “bons modos”, “urbanidade”, enfim, bom modo de portar-se em sociedade). Alguns orientistas fazem objeções à “autenticidade” de *O pequeno ‘ādab*, que, segundo eles, teria sido composto por um terceiro a partir de máximas, provérbios e parábolas constantes do *Livro de Kalīla e Dimna*.¹⁰

⁷ *Wafayāt...*, cit., v. 1, p. 415.

⁸ Al-Jāhiz, ‘Abū ‘Ujmān ‘Amrū Ibn Bahr. «Zamm ‘aflāq al-kuttāb» (“Censura ao caráter dos letrados”). In: *Rasā’il al-Jāhiz* (“Epístolas de al-Jāhiz”). Texto estabelecido por ‘Abd al-Salām Muḥammad Hārūn. Cairo, al-Ḥanjī, 1964, v. II, p. 195.

⁹ Bīrūnī, ‘Abū al-Rihān Muḥammad Ibn ‘Aḥmad al-. *Tahqīq mā lil-Hind; min maqūlatin maqbūlatin fi al-‘aql ‘aw marzūlatin*. (“Fixação do que é [concernente] à Índia em categorias [ou dizeres] aceitáveis pela razão ou rechaçáveis”). Beirute, ‘Ālam al-Kūtub, 1983, p. 111. Trecho também citado em: ‘Azzām, ‘Abd al-Wahhāb. “Muqāddima” (“Introdução”) ao texto de *Kalīla e Dimna* por ele estabelecido, a partir do manuscrito mais antigo desse livro, datado do ano de 618 da Hégira (1221 d.C.). Argel/Beirute, Ministério da Cultura da Argélia/Dār al-Šurūq, 2ª edição, 1973, p. 26.

¹⁰ Cf. Gabrieli, F. “Ibn al-Muqaffa”. In: *The Encyclopædia of Islam*, Leiden/Londres, E. J. Brill/Luzac &

Necessário acrescentar que não é unânime a atribuição da tradução desse livro a Ibn al-Muqaffa^c. Existem alguns testemunhos antigos que a contradizem:

No século X, o já citado livreiro Ibn al-Nadīm registrou no *Fihrist*: “O livro de Kalīla e Dimna compõe-se de dezessete capítulos; também se diz que de dezoito capítulos. Traduziram-no Ibn al-Muqaffa^c e outro [ou outros]”¹¹.

Segundo o jesuíta turco-libanês Luīs Šāyḥū, um manuscrito de *Kalīla e Dimna* do final do século XV, conservado na Biblioteca Aghia Sophia, em Istambul, contém a seguinte informação: “este é o livro de Kalīla e Dimna, que o médico e sábio Barzawayh retirou da Índia e traduziu do hindu ao persa para Kisrā ‘Anū Širwān Ibn Qubāz Ibn Fayrūz, rei da Pérsia; e ‘Abd Allāh Ibn ‘Alī al-Ahwāzī traduziu-o do persa ao árabe para Yahyā Ibn Hālid Ibn Bārmak durante o califado de al-Mahdī, califa abássida, e isso no ano de cento e sessenta e cinco [783 d.C.]; e o distinto sábio Sahl Ibn Nūbaḥt versificou-o para [o mesmo] Yahyā Ibn Hālid al-Bārmakī, vizir de al-Mahdī e de [seu filho Hārūn] al-Rašīd. Quando o recebeu e notou sua boa versificação, [Yahyā] concedeu-lhe pelo trabalho um prêmio de mil dinares”¹².

Hājji Hālifa, autor turco do século XVII, escreveu no livro *Kaṣf al-zunūn ‘an ‘asāmī al-kūtub wa al-funūn* (“Desvelamento das suposições [ou dúvidas] acerca dos nomes dos livros e das artes”) algo muito parecido a respeito de *Kalīla e Dimna*: “e depois, já durante o Islão, ‘Abd Allāh Ibn al-Muqaffa^c, escriba do abássida ‘Abū Jā‘far al-Manṣūr, traduziu-o da língua persa à língua árabe; depois, ‘Abd Allāh Ibn Hilāl al-Ahwāzī traduziu-o do persa ao árabe para Yahyā Ibn Hālid al-Bārmakī durante o califado de al-Mahdī, e isso no ano de cento e sessenta e cinco [783 d.C.]; e o sábio Sahl Ibn Nūbaḥt versificou-o para o mencionado Yahyā Ibn Hālid, vizir de al-Mahdī e de al-Rašīd. Quando o recebeu, [Yahyā] concedeu-lhe um prêmio de mil dinares”¹³.

C., 1971, v. III, p. 884. Com efeito, *O pequeno ‘ādab* parece um conjunto de máximas e preceitos soltos (“os que falam são em maior número do que os que sabem, e os que sabem são em maior número do que os que fazem”), “com os quais Ibn al-Muqaffa^c pretendeu”, segundo o escritor libanês Yūsuf ‘Abū Hālaqa, “aprimorar o espírito e o caráter [dos leitores]”. In: “Muqāddima” (“Introdução”) a *al-‘Ādab al-ṣaḡīr, al-‘Ādab al-kabīr e Risālat al-ṣaḡāba* (*O pequeno ‘ādab, O grande ‘ādab & A epístola dos companheiros*). Beirute, Dār al-Bayān, 1960. Deve-se notar, contudo, que tal objeção não é válida, pois numerosos livros árabes estão compostos da mesma forma –máximas aparentemente soltas–, como é o caso da obra *Sirāj al-mulūk* (“A lâmpada dos reis”), de ‘Abū Bakr al-Turṭūšī (“o tortosiano”), morto em 1126 d.C. Modernamente, os críticos árabes já não põem em dúvida a “autenticidade”, diga-se assim, de *O pequeno ‘ādab*.

¹¹ *Al-Fihrist*, cit., p. 364. A referência encontra-se sob o tópico “Nomes dos livros hindus sobre mistificações (hurāfāt), serões (asmār) e narrativas (‘ahādīṭ)”. Quanto a *al-Fihrist*, seria interessante, aliás, notar que a atribuição de autoria é meramente funcional, uma vez que há manuscritos com trechos em que o autor declara estar deixando espaços em branco a fim de que eventuais conhecedores da matéria os preenchessem com maiores informações a respeito dos tópicos abordados (Mākkī, al-Tāhir ‘Āḥmad, *Maṣādir al-‘ādab* [“Fontes da literatura”], Cairo, Dār al-Ma‘ārif, 1980).

¹² *Apud* ‘Azzām, cit., p. 27.

¹³ *Apud* ‘Azzām, cit., p. 28. Note-se que, embora os historiadores mencionem várias versificações do *Livro de Kalīla e Dimna*, a única que chegou completa até os dias de hoje é a de Ibn al-Habbāriya (1033-1110), *Natā’j al-ḥikma fī nazm Kalīla wa Dimna* (“Os resultados da sagacidade relativamente à versificação de

O cronista e historiador al-Mas'ūdī, morto em 956 d.C., registrou, referindo-se aos reis da Índia: “depois reinou Dabšalīm, que é o criador [*“wādī”*] do livro de Kalīla e Dimna, o qual é atribuído a Ibn al-Muqaffa'. E Sahl Ibn Hārūn, escriba do príncipe dos crentes al-Ma'mūn, elaborou-lhe um livro —que ele intitulou *Ṭu'la* [ou *Ṭā'la*] e 'Ufra [ou 'Afra]— com o qual se contrapôs ao livro de Kalīla e Dimna, tanto em seus capítulos como em seus provérbios, sobrepujando-o na organização”¹⁴. Embora o *Livro de Kalīla e Dimna* seja profusamente citado (“o livro da Índia” ou “livro de Kalīla”) por uma plêiade de escritores muçulmanos, que vai desde o oriental Ibn Qutayba (*'Uyūn al-'abbār*, “As fontes das notícias”), morto em 889 d.C., até o 'andalusī Ibn 'Abd Rābbīhi (*Al-'iqd*, “o colar”, ao qual se apôs mais tarde o qualificativo *al-farīd*, “singular”), morto em 940 d.C., os trechos citados nem sempre coincidem com os do texto atribuído a Ibn al-Muqaffa'.

No entanto, conforme o crítico e filólogo egípcio 'Abd al-Wahhāb 'Azzām, a observação superficial das diferentes variantes de alguns dos manuscritos de *Kalīla e Dimna* não permite afirmar que se esteja diante de textos derivados de produções originariamente diferentes. As variações seriam antes modificações perpetradas por copistas no *corpus* de um livro que, por ser dos primeiros escritos em prosa árabe, necessariamente apresentaria frases obscuras e expressões fora de uso — no entender dos copistas posteriores, naturalmente: lembre-se que seu manuscrito mais antigo, de 1221 d.C., tem quase quinhentos anos a mais do que a data da primitiva composição em árabe, e quase que certamente preserva bem pouco do que teria sido, um dia, o autêntico *corpus* primitivo. Seja como for, note-se que, no decorrer da fixação e edição desse manuscrito de 1221 (atualmente depositado na Biblioteca Aghia Sophia), 'Azzām detectou diversas frases cuja estrutura indica tradução direta do persa, como é o caso, *v.g.*, da confusão entre pronome relativo e conjunção integrante, ou, ainda, formulações e torneios estranhos à língua árabe, mas familiares à persa.

Tal como se apresenta no citado manuscrito mais antigo, o livro contém, conforme a descrição de 'Azzām, os seguintes capítulos:

1) Três capítulos introdutórios: I) “Exposição [ou *objetivo*] do livro”; II) “O envio de Barzawayh, por Kisrā 'Anū Širwān, à terra da Índia [para conseguir este livro]”; e III) “Biografia do médico Barzawayh”. Os manuscritos são unânimes em atribuir o primeiro a Ibn al-Muqaffa', mas há divergências quanto aos dois outros capítulos: no manuscrito de 'Azzām e no segundo mais antigo (1339 d.C.), editado por Luīš Šayhū, eles são atribuídos a Buzurjmīhr, vizir de Kisrā; nos restantes

Kalīla e Dimna”). Dos catorze mil versos da muito citada composição de 'Abbān al-Lāhīqī (século IX), somente se conhecem os 76 divulgados pelo historiador 'Abū Bakr Muḥammad al-Sūlī (morto em 946) no *Kitāb al-'awrāq* (“Livro das folhas”). Edição de J. Heyworth Dunne. Beirute, Dār al-Masīra, 1982, vol. I, pp. 46-50.

¹⁴ *Murūj al-zāhab wa ma'ādīn al-jāwhar* (Pradarias de Ouro e Minas de Pedras Preciosas). Beirute, Dār al-Kūṭub al-'Ilmiya, 1985, v. I, p. 79 (esse trecho possivelmente se baseia no livro *al-Bayān wa al-tabyīn*, de al-Jāhīz). Não restam vestígios do *Livro de Ṭu'la* e 'Ufra, também mencionado no *Fihrist* (*op. cit.*, p. 134).

manuscritos, tal atribuição varia ou não consta. A ordenação dos capítulos também varia.

1.1) Alguns manuscritos tardios (a partir dos séculos XVI ou XVII) incluem, antes desses três capítulos, uma “Apresentação”, redigida por “Alī Ibn al-Šāh al-Fārisī”, ou “Buhnūd Ibn Saḥwān”, os quais, segundo alguns copistas, seriam a mesma pessoa. Acerca do primeiro nome, foi possível apurar que pertencia à família do Šāh (*rei*, em persa) Ibn Mīkāl [?], morto no século X d.C. Baseado nesse dado biográfico, ‘Azzām supõe que tal capítulo teria sido acrescentado por volta dessa época. Não existem, entretanto, manuscritos que corroborem essa suposição. Seria legítimo indagar: se esse texto foi incluído no século X, por que não constaria dos dois manuscritos mais antigos, que são dos séculos XIII (1221) e XIV (1339)?¹⁵ Tamanho lapso de tempo, três ou quatro séculos, não teria sido suficiente para sua consolidação no *corpus* de *Kalīla e Dimna*? Tampouco consta de traduções antigas, como a espanhola de 1261. Por outro lado, pelo menos uma de suas fábulas, a da cotovia e do elefante, é muito antiga, encontrando-se no próprio *Pantchatantra*¹⁶.

2) O *Livro de Kalīla e Dimna* propriamente dito apresenta a seguinte distribuição de capítulos no manuscrito de 1221: I) “O leão e o touro”; II) “Investigação sobre Dimna”; III) “A pomba de colar”; IV) “As corujas e os corvos”; V) “O macaco e o cágado”; VI) “O asceta e o mangusto”; VII) “Iblād, Iyrāht e Šādarm, rei da Índia”; VIII) “Mīhrāy, o rei dos ratos”; IX) “O gato e o rato”; X) “O rei e a cotovia”; XI) “O leão e a hiena”; XII) “O viajante e o joalheiro”; XIII) “O filho do rei e seus amigos”; XIV) “A leoa e o [animal] šā‘har”; e XV) “O asceta e o hóspede”. Alguns manuscritos mais recentes apresentam, ademais, dois outros capítulos: XVI) “A garça e a pata”; e XVII) “A pomba, a raposa e a garça”, ambos os quais constam da tradução espanhola de 1261, o que indica a antiguidade com que foram incorporados ao livro.

4) Os originais dos capítulos I, III, IV, V, VI e uma parte do XII foram localizados na coletânea hindu *Pantchatantra*, e numa outra do século XI d.C., o *Hitopadeṣṭa*. Já os originais dos capítulos IX, X e XI foram encontrados na epopéia hindu *Mahabharata*. Além disso, há outros três capítulos de origem presumivelmente (pois os originais não foram encontrados) indiana: o VII e o XIII (do qual se localizou uma tradução tibetana, bem anterior à árabe); ambos, VII e XIII, pertencem à tradição budista. Também de origem indiana, e pertencente à tradição brâmane, é o capítulo XIV. O capítulo XV é de origem hebraica ou árabe, ao passo que os capítulos II, VIII, XVI e XVII são, com certeza, adição árabe-muçulmana.

¹⁵ Outro manuscrito do século XIV (1354), hoje depositado na Bodleian Library, em Oxford, tampouco apresenta essa introdução. Cf. Etīl, Asin. *Kalīla wa Dimna. Fables from a fourteenth-century arabic manuscript*. Washington DC, Smithsonian Institution Press, 1981. Esse é possivelmente o terceiro mais antigo manuscrito de *Kalīla e Dimna*.

¹⁶ Ĥurāsānī, Muḥammad Ģufrānī. *‘Abd Allāh Ibn al-Muqaffa’*. Cairo, al-Dār al-Qawmiya, 1965, pp. 228-230, 515-521.